



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Roos da Silva Ilha, Franciele; Moreira Hypolito, Álvaro  
ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM DISPOSITIVO E SEUS  
REGIMES DE ENUNCIAÇÃO

Movimento, vol. 22, núm. 1, enero-marzo, 2016, pp. 173-186

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115344155013>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# ESPORTIVIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM DISPOSITIVO E SEUS REGIMES DE ENUNCIÇÃO

*SPORTIVIZATION OF SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: A DEVICE AND ITS  
ENUNCIATION REGIMES*

*DEPORTIVIZACIÓN DE LA EDUCACIÓN FÍSICA EN LA ESCUELA: UN  
DISPOSITIVO Y SUS REGÍMENES DE ENUNCIACIÓN*

**Franciele Roos da Silva Ilha\*, Álvaro Moreira Hypolito\***

## Palavras-chave

Aula.  
Currículo.  
Ensino.  
Esportes.

**Resumo:** O artigo analisa como os regimes de enunciação capturados na pesquisa empírica se organizam para a produção do saber do dispositivo da esportivização. Os pressupostos metodológicos alicerçaram-se na abordagem qualitativa, com o desenvolvimento de um estudo de caso. Os regimes de enunciabilidade foram expressos pelo discurso da necessidade dos professores de Educação Física atenderem aos interesses dos alunos por certas modalidades esportivas; discurso de que a organização curricular da Educação Física depende dos recursos físicos e materiais disponíveis na escola; discurso curricular da Secretaria Municipal de Educação, com orientações curriculares ligadas ao esporte.

## Keywords

Lectures.  
Curriculum.  
Teaching.  
Sports.

**Abstract:** The article examines how enunciation regimes captured in empirical research are organized to produce the sportivization device's knowledge. Methodological assumptions are based on the qualitative approach, and a case study is developed. Enunciation regimes are expressed by the discourse on the need for Physical Education teachers to meet students' interests on certain sports, the discourse that Physical Education's curriculum organization depends on physical resources and materials available at school, and the curricular discourse of the Education Department including curriculum orientations on sport.

## Palabras clave

Clases.  
Currículo.  
Enseñanza.  
Deportes

**Resumen:** El artículo analiza cómo se organizan los regímenes de enunciación capturados en la investigación empírica para la producción del saber del dispositivo de la deportivización. Los supuestos metodológicos se basaron en el enfoque cualitativo, con el desarrollo de un estudio de caso. Los regímenes de enunciabilidad se expresaron por el discurso de la necesidad que tienen los profesores de Educación Física de atender a los intereses de los estudiantes por ciertos deportes; discurso de que la organización curricular de la Educación Física depende de los recursos físicos y materiales disponibles en la escuela; discurso curricular de la Secretaría Municipal de Educación, con orientaciones curriculares ligadas al deporte.

\* Universidade Federal de Pelotas.  
Pelotas, RS, Brasil.  
E-mail: francieleilha@gmail.com

Recebido em: 08-05-2015  
Aprovado em: 10-07-2015



*“Talvez seja o esporte a atividade humana que mais revela um conjunto de conhecimentos, técnicas e discursos legitimados e desejados para o controle dos corpos; talvez seja a atividade mais impregnada de logro, mais encantatória”.*

(SOARES, 2006, p.80-81)

## 1 O ENGENDRAMENTO DO DISPOSITIVO

O dispositivo da esportivização da Educação Física Escolar emergiu diante da intenção de investigar a regulação curricular da Educação Física e seus efeitos no trabalho de docentes iniciantes. Partiu-se do pressuposto que essa regulação se estabelece por meio de um processo negociado, resultado de um jogo de forças, nunca finalizado, sempre em processo, entre discursos e/ou dispositivos que disputam a hegemonia curricular do componente.

O interesse investigativo foi analisar justamente esse processo, pela identificação e discussão do(s) dispositivo(s) que regula(m) as práticas curriculares da Educação Física e como as práticas de negociação são engendradas. A fundamentação teórico-metodológica baseou-se nos estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze.

Nessa direção, dispositivo foi o conceito-chave da pesquisa, bem como as dimensões que o compõem. Ao ser questionado sobre o sentido e a função metodológica do dispositivo, neste caso da sexualidade, Foucault explica-o como:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1992, p. 138).

Na perspectiva do autor, dispositivo não é um tipo de discurso, um enunciado, uma instituição, nem representa somente uma estratégia ou uma técnica específica de poder, envolve elementos distintos e em movimento. Apresenta uma função estratégica dominante, na medida em que passa a existir para responder a uma urgência histórica. Caso haja necessidade, o dispositivo se rearticula para controlar ou reencaminhar efeitos indesejados. Isto porque existe um jogo entre os elementos discursivos e/ou não discursivos que permite a troca de posições e funções (FOUCAULT, 1992).

Ao analisar as relações de poder na sociedade moderna, Foucault (2011) identifica dispositivos de poder, como visto nas instituições disciplinares (escola, hospital, prisões). A escola foi por ele considerada uma instituição disciplinadora de corpos atuando por meio de técnicas e mecanismos, de dispositivos de poder. A organização do espaço escolar, sua arquitetura, as classes, são exemplos desses dispositivos na domesticação de corpos.

Deleuze (1990) aclara que Foucault inicialmente identifica como dimensões do dispositivo as curvas de visibilidade e as curvas de enunciação. As primeiras são compostas por linhas de luz que constituem figuras variáveis (as práticas) e as segundas por enunciações (os discursos) que distribuem posições diferenciais dos seus elementos. Além disso, o dispositivo também é formado por linhas de força que se referem à dimensão do poder e atravessam todo o dispositivo, em todos os pontos possíveis. Mesclam-se com as outras linhas do dispositivo, de modo que se tornam indistinguíveis das demais. Existem ainda as linhas de objetivação, que propiciam o processo de subjetivação, a produção do si por si mesmo. As linhas de objetivação

ou subjetivação predis põem as linhas de fuga, que escapam às forças e aos saberes de um dispositivo, movendo-se para outro dispositivo e inserindo-se no regime de seus poderes e saberes. Ao possibilitarem a passagem de um dispositivo a outro, permitem a emergência das linhas de ruptura, pois estão no limite do dispositivo.

Estas linhas ou curvas do dispositivo podem ser caracterizadas como linhas de estratificação, sedimentação e linhas de atualização, criatividade. Remetem às grandes instâncias tratadas por Foucault (saber, poder, subjetividade) (DELEUZE, 1990).

Sendo assim, desemaranhar as linhas do dispositivo nas instâncias do poder, saber e subjetividade é a tarefa que se estabelece para o empreendimento de estudos implicados com este conceito. No entanto, nos limites deste artigo, a intenção é mostrar como os regimes de enunciação/discursos capturados na pesquisa se organizam para a produção da dimensão do saber do dispositivo da esportivização.

## 2 TRAÇADOS METODOLÓGICOS

Esta investigação tem seus pressupostos metodológicos alicerçados na abordagem qualitativa, com o desenvolvimento de um estudo de caso. A pesquisa de campo foi realizada na rede municipal de ensino de Pelotas/RS e teve dois momentos. Primeiro, fizeram-se entrevistas com seis professores de Educação Física iniciantes na carreira docente no contexto escolar, e posteriormente, o estudo de caso em uma escola da rede. Esses docentes atuam com alunos da pré-escola ao 9º ano do ensino fundamental.

Na primeira fase surgiu a necessidade de buscar as orientações curriculares da Secretaria Municipal de Educação, pela menção feita a esta por todos os docentes nas entrevistas e por estar diretamente relacionada à temática investigativa. Na segunda etapa realizaram-se observações de aulas de Educação Física de um dos professores iniciantes entrevistados em uma escola selecionada para a realização do estudo de caso; conversas informais com este professor e seus alunos, com anotações feitas em um diário de campo. Além disso, fez-se uma entrevista com a coordenadora das áreas da escola.

O processo analítico das entrevistas teve o intuito de buscar a emergência de práticas e discursos que remetiam para a regulação curricular da Educação Física. Com a identificação de um conjunto de discursividades e visibilidades recorrentes no *corpus* de pesquisa em relação a esta regulação, o esforço foi pensar nos modos pelos quais essas práticas e discursos se articulavam e formavam uma rede ou mais redes, aqui entendidas pelo conceito foucaultiano de dispositivo. Na medida em que se evidenciaram recorrências de práticas e discursos nas sete entrevistas, em sua maioria com o esporte, elegeu-se este como o eixo analítico central para a construção de um dispositivo.

Assim, nomeou-se esta rede entrelaçada de discursividades e evidências relacionadas ao esporte de dispositivo da esportivização da Educação Física, pela emersão do esporte como um modo de regulação curricular desse componente na escola.

Dessa forma, o interesse foi aprofundar a discussão em nível do dispositivo que se apresentou mais potente na regulação curricular da Educação Física. Tal dispositivo tem no esporte as bases de suas condições de possibilidade e, por isso, coube discuti-lo no arranjo do dispositivo da esportivização da Educação Física. Conforme sinalizado, o debate neste espaço se restringe aos discursos que formam o dispositivo em questão.

### 3 OS DISCURSOS/REGIMES DE ENUNCIÇÃO NA COMPOSIÇÃO DO DISPOSITIVO DA ESPORTIVIZAÇÃO

A dimensão do saber, que envolve as curvas de visibilidade e os regimes de enunciação, corresponde às curvas e aos regimes de fazer ver e falar o esporte como eixo regulador curricular da Educação Física na escola. Esporte esse em direção a um processo de esportivização, conforme explica González (2008, p.170) acerca de tal processo: “ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte ou uma prática social em assumir os códigos próprios desse fenômeno”.

O saber que tem delineado as práticas curriculares da Educação Física é o esporte, um tipo específico de dizer e ver o esporte. São determinadas modalidades esportivas – os esportes coletivos e principalmente o futebol – trabalhadas com base em algumas características do esporte de alto nível: ênfase na competição, exclusão dos menos habilidosos. Ainda sim, cabe ressaltar que esse saber busca se afirmar no *locus* da Educação Física por meio de disputas constantes com outros saberes, há uma tensão permanente pela hegemonia curricular da Educação Física. Uma tensão que, como alerta Vago (1996), também se estabelece no modo como o esporte ocorre nas aulas de Educação Física na escola. Discordando de Bracht, Vago (1996) afirma que um processo de negociação e tensão permanente é desencadeado entre o esporte de rendimento e o esporte escolar. Assegura, por fim, que a escola e as aulas de Educação Física produzem o seu próprio esporte, por meio da tensão entre os diferentes modos de fazer esporte.

Importa destacar que os esportes são conteúdos previstos no currículo do componente e não se nega sua importância, porém, algumas modalidades têm ocupado espaço demasiado diante da gama dos saberes da Educação Física possíveis de serem trabalhados na escola, bem como os modos de tratá-los. São justamente essas dimensões privilegiadas nas práticas curriculares da disciplina que aqui se denomina esportivização, nomeando o dispositivo em questão.

Questiona-se: o que é possível ver e dizer sobre o esporte na configuração curricular da Educação Física, a partir do *corpus* de pesquisa? “Quais são as bases sociais do conjunto de conhecimentos pertencentes ao currículo de Educação Física legitimados pela instituição?” (NEIRA; NUNES, 2009, p.124).

A produção dos saberes no âmbito do dispositivo da esportivização da Educação Física se constrói por práticas e discursos de esportivização, as quais se destacaram no *corpus* da pesquisa por dois aspectos relacionados à regulação curricular da disciplina. Os aspectos reincidentes nos discursos dos seis professores entrevistados a respeito do que é preciso considerar na organização curricular da disciplina foram: o interesse/aceitação/gosto dos alunos pelas atividades e conteúdos; e os espaços físicos e materiais disponíveis na escola para as aulas de Educação Física. Esses aspectos foram trabalhados numa perspectiva discursiva e cabe mostrar como eles engendram o dispositivo da esportivização da Educação Física, com seus modos de dizer e fazer dizer a Educação Física na escola. Além desses, o discurso curricular da SME se mostrou potente na ação deste dispositivo, sendo abordado na sequência.

- **O primeiro aspecto remete ao discurso da necessidade dos professores de Educação Física em atender aos interesses dos alunos, os quais se traduzem na realização de jogos esportivos, e em especial de futebol.**

Este discurso se baliza na ideia de que é preciso considerar os interesses dos alunos para que estes participem das aulas, se envolvam nas atividades e se mostrem comprometidos com o componente curricular.

Dizer que o professor precisa atender aos interesses dos alunos na organização curricular é um discurso aceito no campo educacional e tido como fundamental na consideração das realidades educativas e das culturas locais. No discurso da Educação Física, também há um consenso de que o professor precisa atender aos interesses dos alunos em termos de conteúdos e atividades para que estes se motivem a participar das aulas, se envolvam nas tarefas e se mostrem comprometidos com a disciplina.

O interesse/aceitação/gosto dos alunos por certas atividades e conteúdos (principalmente o jogo de futebol) emergiu nas enunciações dos seis professores iniciantes como um dos eixos norteadores da organização e sistematização das práticas curriculares da Educação Física Escolar. Nas enunciações seguintes, evidencia-se em quais direções se delineiam os interesses discentes, pela fala dos docentes:

“Tem que ter o momento que tenha a prática do jogo, senão eles ficam frustrados. [...] os mais velhos (alunos dos anos finais) só querem futebol ou vôlei, eles reclamam sempre que tem outra coisa” (Professor Fabrício).

“Se não é o futebol é na briga. [...] Eu entro na sala de aula em qualquer turma: ‘vamos jogar futebol’, eu já tô virando inimiga da bola de futebol” (Professora Fabiana).

“Se deixar, eles só querem jogar futebol, inclusive as meninas” (Professora Graziela).

“Futebol, no geral, as meninas vôlei” (Professora Patrícia).

“Nos primeiros meses de trabalho, a negociação era a única estratégia que eu percebi ser eficiente para conseguir dar o meu conteúdo [...] Depois os alunos se acostumaram com a minha metodologia, ou seja, não dar o futebol quando o conteúdo era outro” (Professora Lucíola).

Ao solicitarem e insistirem para que as aulas de Educação Física sejam espaços-tempos de práticas apenas de jogos esportivos com ênfase no futebol, os alunos falam e são falados, são as linhas de enunciação agindo no dispositivo da esportivização da Educação Física. Como explica Soares (2006, p.80) “o esporte, como pedagogia higiênica da performance e do espetáculo do corpo, exerce um fascínio singular sobre a vida cotidiana e compõe mesmo a regulação da vida”.

Os professores, ao aceitarem privilegiar os esportes coletivos e principalmente o futebol numa perspectiva embasada em alguns princípios do esporte de rendimento, em detrimento de outros conteúdos e de outros modos de tratá-los, são capturados pelos saberes deste dispositivo através de suas linhas de força. Esses princípios do esporte de rendimento que atravessam as práticas curriculares da Educação Física são visibilizados, principalmente, pela prática dos jogos que são competitivos e que excluem os menos habilidosos, seja por interferência de colegas, do professor ou do próprio aluno que não se sente bem de não ter uma boa *performance* esportiva perante os demais. Tendo em vista que os alunos, ao quererem o futebol ou outro esporte coletivo nas aulas de Educação Física, não querem conhecer o histórico do futebol, aprimorar o conhecimento de regras ou mesmo as técnicas e táticas esportivas, eles querem jogar!

Porém, tal captura não ocorre uniformemente, os professores trabalham com tais modalidades e alguns princípios do esporte de rendimento se fazem presentes nas aulas – por meio da ação docente ou discente, sendo identificados nas práticas discursivas e não discursivas –, mas decorrem de processos negociados para que o professor consiga trabalhar também de outras formas e com outros conteúdos. Os professores iniciantes negociam as práticas curriculares da Educação Física com os alunos.

Quanto ao discurso de adequar as aulas de Educação Física aos interesses dos alunos, a discussão de Veiga-Neto (2002) se aproxima desta questão, quando destaca a escolha por disciplinas no currículo que vem sendo propiciado aos alunos, as chamadas disciplinas optativas/eletivas, em que o aluno é entendido como um cliente que escolhe o seu produto, o pacote curricular. Essa linha de pensamento alicerça-se no neoliberalismo e seus princípios de liberdade de escolha dos indivíduos. Entretanto, acredita-se que a questão de considerar os interesses discentes nas práticas curriculares, neste caso da Educação Física, tem seus pressupostos na abordagem de ensino construtivista, escolanovista e/ou freiriana.

Tal abordagem, que permeia o discurso pedagógico da Educação Física, foi idealizada por Freire (1997), ao levantar a importância da Educação Física na escola considerar o conhecimento que a criança já possui, independentemente da situação formal de ensino, porque a criança, como ninguém, é uma especialista em brincar.

A abordagem intitulada *Concepções Abertas no Ensino da Educação Física* (HILDEBRANT, LAGING, 1986) merece ser mencionada neste espaço argumentativo, pela referência que têm nos cursos de formação docente desde a década de 1990 e porque valoriza os interesses dos alunos no cotidiano das aulas do componente. Tal valorização não impede o trato pedagógico de conhecimentos diferentes dos que os alunos já possuem e da ampliação dos saberes conhecidos por eles.

Importa enfatizar que a abertura dada pelo professor de Educação Física na organização curricular da disciplina para a participação dos alunos não é nem um pouco questionável, a questão discutível é limitar a organização curricular da disciplina a um mínimo de conteúdos e atividades selecionados pelos alunos. Questiona-se se nas outras disciplinas escolares isso também ocorre. Possivelmente não, pelo menos nas disciplinas valorizadas como campo de saber. Portanto, acredita-se que essa abertura vem sendo balizada pela desvalorização dos conhecimentos da Educação Física.

Na contramão da desvalorização dessa disciplina como campo de saber, a Educação Física é uma das disciplinas que os alunos mais gostam, a ponto de reclamarem quando a professora falta e a direção sugere a substituição da aula de Educação Física por uma aula de outra disciplina. As passagens enunciadas por professores (quando questionados sobre facilidades do trabalho com o componente) e coordenadora (em entrevista) ilustram essa ideia:

“[...] Eu chegar todos os dias na escola, ser a primeira professora a cumprimentarem, eles me abanarem de longe, os pequenos virem correndo da onde estão para te abraçar, sabe? Quando têm as reuniões, os conselhos de classe sempre a melhor disciplina é a EF [...]” (Professora Lucíola).

“[...] é mais fácil trabalhar, eles gostam” (Professora Patrícia).

“[...] se torna um pouco mais fácil, porque é uma coisa que eles gostam” (Professor Armando).



“O professor de Educação Física não veio, entra outro professor pra dar português, eles enlouquecem, entendeu?” (Coordenadora das áreas).

Nota-se, contudo, que o elevado status da Educação Física, quando se trata dos interesses dos alunos, não segue a mesma lógica de valorização das outras disciplinas. O gosto pela Educação Física parece se aproximar com algo que Elias (1992) aborda na discussão do esporte: o prazer e a excitação agradável que as práticas esportivas desencadeiam em seus praticantes. Adverte-se, ainda, que os praticantes não se limitam aos jogadores, na perspectiva do autor, abrangem os espectadores e os envolvidos com os jogos.

Nessa direção, o esporte é o conteúdo mais trabalhado nas aulas de Educação Física, e, como alerta Elias (1992), o esporte é potente na promoção da excitação. Este gosto dos alunos pela aula de Educação Física pode ser um próprio efeito do dispositivo da esportivização da Educação Física.

Com relação aos discursos que conduzem ao trabalho apenas com esportes nas aulas de Educação Física, Barbosa (2001) se depara com alguns, descritos a seguir, ao investigar as representações sociais da Educação Física Escolar, entrevistando docentes e alunos do ensino médio de uma escola do Rio de Janeiro. A maioria dos professores estudados acredita que o esporte deve ser o principal conteúdo trabalhado nas aulas da disciplina durante o período escolar. Justificam a escolha com o argumento de que durante o ensino fundamental os alunos já experienciaram todos os desportos possíveis de serem trabalhos na instituição e, no ensino médio, cabe a eles escolher qual querem fazer, por prazer ou para aperfeiçoá-lo. A opinião dos alunos entrevistados segue a mesma linha, quanto ao trabalho restrito ao esporte nas escolas. Um aluno ainda anuncia que a Educação Física não tem nada a lhe acrescentar, porque esporte ele já pratica em uma escolinha fora da escola.

No bojo dessa questão, Betti (1999) alerta que a prática de se abordar apenas, ou principalmente, os esportes nas aulas de Educação Física na escola está ligada à ideia de que o professor da disciplina é um superatleta, o que o inibe em trabalhar com práticas corporais, pois não sabe executar seus movimentos básicos, de modo que os esportes são os mais conhecidos por eles: da escola à universidade. Em outros termos, esta questão remete ao discurso de que o professor de Educação Física precisa dominar a técnica das práticas corporais que trabalha com seus alunos.

Também não se pode ignorar que as práticas balizadas no rendimento e performances esportivas estão articuladas às concepções de Educação Física e de corpo. O corpo e o *movimento* são aqui entendidos como o objeto de estudo e intervenção no campo da Educação Física, sendo ainda melhor definidos pelo termo *cultura corporal de movimento*. Neste caso, o discurso biológico do corpo, entendendo-o como um “feixe de nervos, músculos e ossos que deve se locomover com o máximo de aproveitamento em um espaço pré-determinado” (BARBOSA, 2010, p. 83).

Desta forma, o discurso do atendimento dos alunos em direção ao trabalho com certos conteúdos e abordagens de ensino se expressa como uma curva de enunciação do dispositivo da esportivização da Educação Física e se traduz nas categorias formais do saber: educar, tratar, punir (DELEUZE, 2005).

- **O segundo aspecto evidencia o discurso de que a organização curricular da Educação Física depende dos recursos físicos e materiais disponíveis na escola.**



Areladas a esse discurso estão as inúmeras justificativas feitas para a falta de diversificação de conteúdos nas aulas de Educação Física Escolar, balizadas pelo enfoque nas más e/ou insuficientes condições físicas e materiais da escola para as aulas de Educação Física. Essa problemática constitui-se em uma das questões principais quando o assunto é a sistematização curricular da componente, sendo alvo de reclamação por parte dos professores em muitas pesquisas, como as de Ilha e Krug<sup>1</sup>, Ferreira (2005) e Gori (2000). Mas não somente de professores, esse discurso e tal justificativa são acionados por alunos, gestores, pais e quem estiver autorizado a adentrar essa ordem discursiva, a qual se constata, neste caso, como de fácil inserção.

A importância dada a estes recursos é identificada nas enunciações a seguir, quando questionados sobre como selecionam os conteúdos e organizam as práticas curriculares da Educação Física:

“Tem o material, a área (quadra, campo)” (Professor Fabrício).

“Eu organizo as aulas em cima do material que a gente tem” (Professor Armando).

“Tem coisas que me limitam, a estrutura da escola. [...] deu uma escassez ano passado de material e daí eu trabalhei atletismo com eles” (Professora Graziela).

“[...] a gente passou um baita tempo sem material, aí eu tive que replanejar para fazer o conteúdo. Agora a gente tava trabalhando avaliações físicas nas quintas e sextas séries porque a gente tava sem material. [...] tem pouco material e não tem como trabalhar muita coisa” (Professora Patrícia).

“Eu já pensei em trabalhar outras coisas, mas esbarra na função de não ter o material” (Professora Fabiana).

“Eu só tenho lugar agora para dar aula na rua (no patiozinho da escola e num campinho lá no fundo). Eu prefiro usar o pátio da escola, porque o campinho da escola, às vezes, está com a grama muito alta e já teve cobra.” (Professora Lucíola).

O que esses professores de Educação Física falam, explicam, argumentam é um discurso comumente acionado pelos docentes da área, por alunos, gestores, pais. É um discurso extremamente validado no campo da Educação Física, campo educacional e escolar. Dificilmente é questionado, sendo frequentemente reconhecido como verdadeiro quando o assunto são as aulas de Educação Física. Tal uso, um tanto quanto indiscriminado, remete para pensar em um dos procedimentos de controle do discurso, que Foucault (2010) assinala como princípio de rarefação. É um princípio que determina as condições de funcionamento do discurso, na medida em que impõe aos pronunciadores um conjunto de regras, que se tornam norteadoras de suas enunciações.

Ao que se percebe, no caso do discurso em pauta, é que esta região discursiva é facilmente penetrável. Diferentes indivíduos são autorizados a assumirem a posição de sujeitos desse discurso.

Acerca dessa questão, Betti (1999) diz que, quando se pensa em Educação Física, remete-se à ideia de esporte, e quando o tema são os recursos físicos e materiais para a aula dessa disciplina na escola, vem à tona o espaço de uma quadra esportiva e de bolas oficiais dos esportes. São discursividades e visibilidades próprias do dispositivo da esportivização, em que “espaços naturais e materiais não convencionais são esquecidos” (BETTI, 1999, p. 29).

1 ILHA, F.R. da S.; KRUG, H.N. Os dilemas da docência de professores iniciantes de Educação Física escolar. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PROFESORADO PRINCIPIANTE E INSERCIÓN PROFESIONAL A LA DOCÊNCIA, 3., 2012, Santiago. *Anais...* p. 1-7.

Sanches Neto *et al.* (2013) chamam a atenção justamente para esta questão, ao discutirem as demandas ambientais na Educação Física Escolar, no intuito de ampliar os olhares para essas demandas, que são tão diversas como é o ambiente. Com a intenção de sistematizar essas demandas, de modo a flexibilizar a sistematização no planejamento das aulas, os autores apresentam seis possibilidades: demandas administrativas e econômicas; demandas estéticas e filosóficas; demandas virtuais; demandas históricas e geográficas; demandas sociológicas e políticas; demandas físicas e naturais. No ponto de vista dos autores, essas demandas podem se constituir como indicativos para o ensino de temas a elas relacionadas em uma perspectiva ampliada na Educação Física.

É importante esclarecer que a questão problematizada não está ligada à importância dos recursos físicos e materiais para a Educação Física, nem à própria necessidade de tais recursos. É evidente que a estrutura física e os materiais são importantes e necessários para as aulas de Educação Física e quanto mais variados e mais conservados forem, melhores possibilidades terá o professor de planejar aulas criativas, podendo resultar em mais interesse dos alunos e motivação para a realização das atividades. Todavia, a questão que se coloca não se refere à importância dos espaços físicos e dos materiais para as aulas de Educação Física, mas à dependência de certos padrões de espaços físicos e determinados materiais para o desenvolvimento das aulas dessa disciplina.

A corrida de velocidade, por exemplo, pode ser facilmente trabalhada em qualquer espaço e sem nenhum material, assim como a corrida com passagem de bastão, em que o bastão pode ser qualquer objeto. Aprender o basquete com uma bola de voleibol ou uma bola de borracha, utilizando um balde no lugar da cesta, ou até reconstruindo o modo de marcar pontos, é uma alternativa para escapar da esportivização. Discutir o surgimento dos esportes, as regras e as suas possibilidades de mudança; problematizar o esporte exposto pela mídia, a sua espetacularização. Outras possibilidades poderiam se constituir pelo trabalho pedagógico com a capoeira e certos tipos de ginástica, pois não requerem materiais e ainda auxiliam na diversificação dos conteúdos da Educação Física.

O discurso que valida certos tipos de espaços físicos e materiais como apropriados para o ensino de Educação Física na escola tem sido aceito historicamente e reforçado pela tentativa de trabalhar os conteúdos em conformidade com a forma em que certas práticas culturais de movimento são desenvolvidas em instituições especializadas, no rendimento esportivo, por exemplo.

É dizível e justificável que o professor de Educação Física, e quem venha a ocupar a posição de sujeito desse discurso, argumente que para trabalhar com certos conteúdos da disciplina é preciso ter materiais e espaços adequados.

As pesquisas na área da Educação Física Escolar que abrangem discussões acerca da atuação profissional no âmbito escolar (POZZOBON, 1992, SILVEIRA *et al.*, 2008) dificilmente deixam de fazer referência à problemática dos espaços físicos e materiais (in)disponíveis nas escolas em que trabalham. Pode-se dizer que é raro não aparecer nos depoimentos de professores de Educação Física a reclamação pela ausência e/ou pela má qualidade de tais recursos.

Preocupado com esta questão, Trapp (1993) diz que é lamentável essa dependência de materiais e espaço físico na Educação Física Escolar e afirma que tal inquietação se refere à intenção do trabalho apenas com os esportes. Em outras palavras, a necessidade de um padrão

de espaço físico e de materiais revela a concepção pedagógica e o significado de Educação Física que se pratica. Denotam-se aproximações com uma abordagem tecnicista/esportivista voltada ao ensino dos esportes e pautada por certos princípios próprios da instituição esportiva. A Educação Física desportivizada necessita, conforme afirma Kunz (1998), da padronização dos espaços físicos, já que seu objetivo é o ensino dos padrões de movimento do esporte e, para isso, é preciso materiais e locais uniformes.

Essa dependência também demonstra a dificuldade de se pensar a Educação Física como uma disciplina que possui conhecimentos a serem desenvolvidos nas aulas para além de aspectos motores e físicos, os quais também podem ser trabalhados na sala de aula, como os professores de outras disciplinas ensinam seus conteúdos.

A justificativa de que cada contexto possibilita o desenvolvimento de determinados conteúdos (modos de dizer e fazer dizer) vem fazendo com que se estabeleça uma relação de extrema dependência das práticas curriculares da Educação Física com os espaços físicos e materiais disponíveis na escola.

**– O discurso curricular da Secretaria Municipal de Educação reforça o dispositivo da esportivização, em suas orientações curriculares.**

Tanto no documento curricular da SME como nos recursos físicos e materiais disponíveis para as aulas de Educação Física na escola investigada, ou nas escolas em que os professores iniciantes foram investigados, os esportes coletivos e alguns princípios do esporte de rendimento são enunciados e visíveis.

O quadro a seguir mostra pautas do discurso curricular da SME que podem ser analisadas como um regime de enunciabilidade do dispositivo da esportivização.

**Quadro 1** - Orientações curriculares estabelecidas pela SME que se articulam aos saberes do dispositivo da esportivização.

Conteúdos teóricos e práticos			
3º e 4º anos	5º e 6º anos	5º e 6º séries	7ª e 8ª séries
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Iniciação ao handebol, futsal, futebol, vôlei e basquete;</li> <li>- Competições internas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vôlei;</li> <li>- Basquete;</li> <li>- Handebol;</li> <li>- Futebol e futsal;</li> <li>- Competições;</li> <li>- Aspecto psicomotor: executar os fundamentos básicos dos esportes;</li> <li>- Aspecto cognitivo: estimular o gosto pelo aprendizado das regras;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vôlei;</li> <li>- Basquete;</li> <li>- Handebol;</li> <li>- Futebol e futsal;</li> <li>- Competições;</li> <li>- Aspecto psicomotor: desenvolver e incentivar a prática natural e correta dos movimentos e gestos; executar os fundamentos dos diferentes desportos;</li> <li>- Aspecto cognitivo: reconhecer os diferentes educativos dos desportos e aplicar as regras básicas dos desportos durante os jogos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vôlei;</li> <li>- Basquete;</li> <li>- Handebol;</li> <li>- Futebol e futsal;</li> <li>- Competições;</li> <li>Aspecto afetivo: incentivar o espírito esportivo.</li> <li>Aspecto psicomotor: executar e aplicar os fundamentos dos diferentes esportes envolvidos; aplicar as regras básicas de cada esporte;</li> <li>Aspecto cognitivo: conhecer e diferenciar as regras dos diferentes esportes; conhecer e aplicar os exercícios e fundamentos dos esportes desenvolvidos.</li> </ul>

Fonte: Elaboração feita a partir das orientações curriculares da SME.

Percebe-se, neste recorte de orientações, conteúdos e objetivos voltados ao ensino dos esportes de um modo peculiar, como execução de fundamentos do esporte, desenvolvimento da prática correta de movimentos e gestos, reconhecimento dos elementos educativos dos desportos, aplicação das suas regras, competições. Barbanti (2006) ajuda a reconhecer esses aspectos ligados à esportivização quando menciona as características que uma atividade precisa ter para ser considerada esporte. Uma delas está articulada à dependência das condições em que a atividade física competitiva e institucionalizada ocorre, uma vez que é necessária a padronização das regras, bem como a aprendizagem das habilidades esportivas.

Também se pode notar que nestas orientações há privilégio das perspectivas de ensino psicomotora e construtivista, ou seja, os aspectos motores, cognitivos e afetivos são mencionados, enquanto que as dimensões cultural e histórica são silenciadas.

Portanto, essas orientações postuladas pelo discurso curricular da SME reforçam a ação do dispositivo da esportivização.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a regulação curricular da Educação Física e os modos pelos quais ela é regulada nas situações desta pesquisa foi possível pelo conceito foucaultiano de dispositivo. Esse caminho foi escolhido pela produtividade do termo dispositivo, para uma discussão que pretendia complexificar o processo de definição curricular da Educação Física. Um processo que, não raro, é visto como extremamente flexível, caracterizando-se como de livre escolha do professor de Educação Física.

Entretanto, os pressupostos teórico-metodológicos aqui assumidos fazem operar o pensamento em outra direção. A Educação Física Escolar é regulada, em suas práticas curriculares, não da mesma forma nos diferentes espaços e tempos, mas apresenta sinais de que alguns modos de falar e dizer a Educação Física atravessam muitas das escolas brasileiras. Todavia, o interesse desta pesquisa não foi discutir a regulação curricular desta componente em nível nacional, estadual ou municipal. A pretensão foi discuti-la, principalmente, a partir de discursividades dispersas e evidências sinalizadas por professores de Educação Física em início de carreira da rede municipal de ensino de Pelotas/RS.

Para tanto, constatou-se que os regimes de enunciabilidade que compõem a dimensão do saber do dispositivo da esportivização, junto com as curvas de visibilidade, foram expressos nesta pesquisa pelo: a) discurso da necessidade dos professores de Educação Física em atender aos interesses dos alunos por certas modalidades esportivas (esportes coletivos e em especial o futebol) trabalhadas com alguns princípios do esporte de rendimento, para que estes participem das aulas, se envolvam nas atividades e se mostrem comprometidos com o componente curricular; b) discurso de que a organização curricular da Educação Física depende dos recursos físicos e materiais disponíveis na escola, considerando que a dependência por tais recursos postula certos modos de produzir as práticas curriculares da disciplina, implica em uma abordagem de ensino que prioriza a padronização de recursos; c) discurso curricular da SME, com orientações curriculares ligadas ao esporte.

Em suma, a característica multilinear do dispositivo que se traduz pelos regimes, curvas e linhas do dispositivo da esportivização compõe as três dimensões históricas e irreduzíveis,

mas em implicação constante: saber, poder e si (DELEUZE, 2005), de modo que o panorama composto por esta e pelas demais características do conceito foucaultiano de dispositivo deram suporte para o engendramento do dispositivo da esportivização da Educação Física, como um regulador curricular do componente.

O estudo do dispositivo não se destinou a dizer se ele próprio é bom ou ruim para o campo da Educação Física e, para o trabalho docente aqui em destaque, os iniciantes. Também não se preocupou em classificar as práticas curriculares da Educação Física na escola como práticas boas e de qualidade e práticas ruins e desqualificadas. O engendramento do dispositivo da esportivização está diretamente associado ao *corpus* empírico desta pesquisa, cabendo ao leitor fazer aproximações e/ou afastamento com outros contextos.

## REFERÊNCIAS

- BARBANTI, Valdir. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, São Paulo, v.11, n.1, p.54-58, 2006.
- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. **Educação física e didática**: um diálogo possível e necessário. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. **Educação física escolar**: as representações sociais. Rio de Janeiro: Shape, 2001.
- BETTI, Irene Conceição Rangel. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 25-31, 1999.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 5. ed. Tradução de Cláudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? In: MICHEL Foucault: filósofo. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert.; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 187-219.
- FERREIRA, Lílían Aparecida. **O professor de educação física no primeiro ano da carreira**: análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação à docência. 2005. 216f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. 4. ed. Campinas: Scipione, 1997.
- GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Esportivização. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico da educação física**. 2. ed. rev. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. p.170-174.
- GORI, Renata Machado de Assis. **A inserção do professor iniciante de educação física na escola**. 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas ao ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.

- ILHA, Franciele Roos da Silva. **A regulação curricular da Educação Física na escola e seus efeitos no trabalho de professores iniciantes**. 2015. 197f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.
- NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mario Luiz Ferrari. **Educação física: currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.
- NETO, Luiz Sanches *et al.* Demandas ambientais na Educação Física Escolar: perspectivas de adaptação e de transformação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 309-330, out./dez. 2013.
- POZZOBON, M.E. **Instalações esportivas no contexto das escolas públicas estaduais da cidade de Chapecó – SC**. 1992. Monografia (Especialização em Pesquisa e Ensino do Movimento Humano) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1992.
- SILVEIRA, Juliana da Silva *et al.* O desenvolvimento profissional dos professores de Educação Física: o início da docência. In: KRUG, Hugo Norberto; KRÜGER, Leonardo Germano; CRISTINO, Ana Paula da Rosa (Org.). **Os professores de educação física em formação**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008. p. 63-67.
- SOARES, Carmen Lúcia. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica e esporte. In: RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 75-86.
- TRAPP, W. O. A ocupação do espaço físico na escola. In: CARVALHO, Sérgio (Org.). **Comunicação, movimento e mídia na Educação Física**. Santa Maria: CEFD/UFSM, 1993. Caderno 1.
- VAGO, Tarcísio Mauro. O “esporte na escola” e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. **Movimento**, Porto Alegre, v. 3, n. 5, p. 4-17, 1996.
- VEIGA-NETO, Alfredo. De geometrias, currículo e diferenças. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 79, p. 163-186, ago. 2002.



